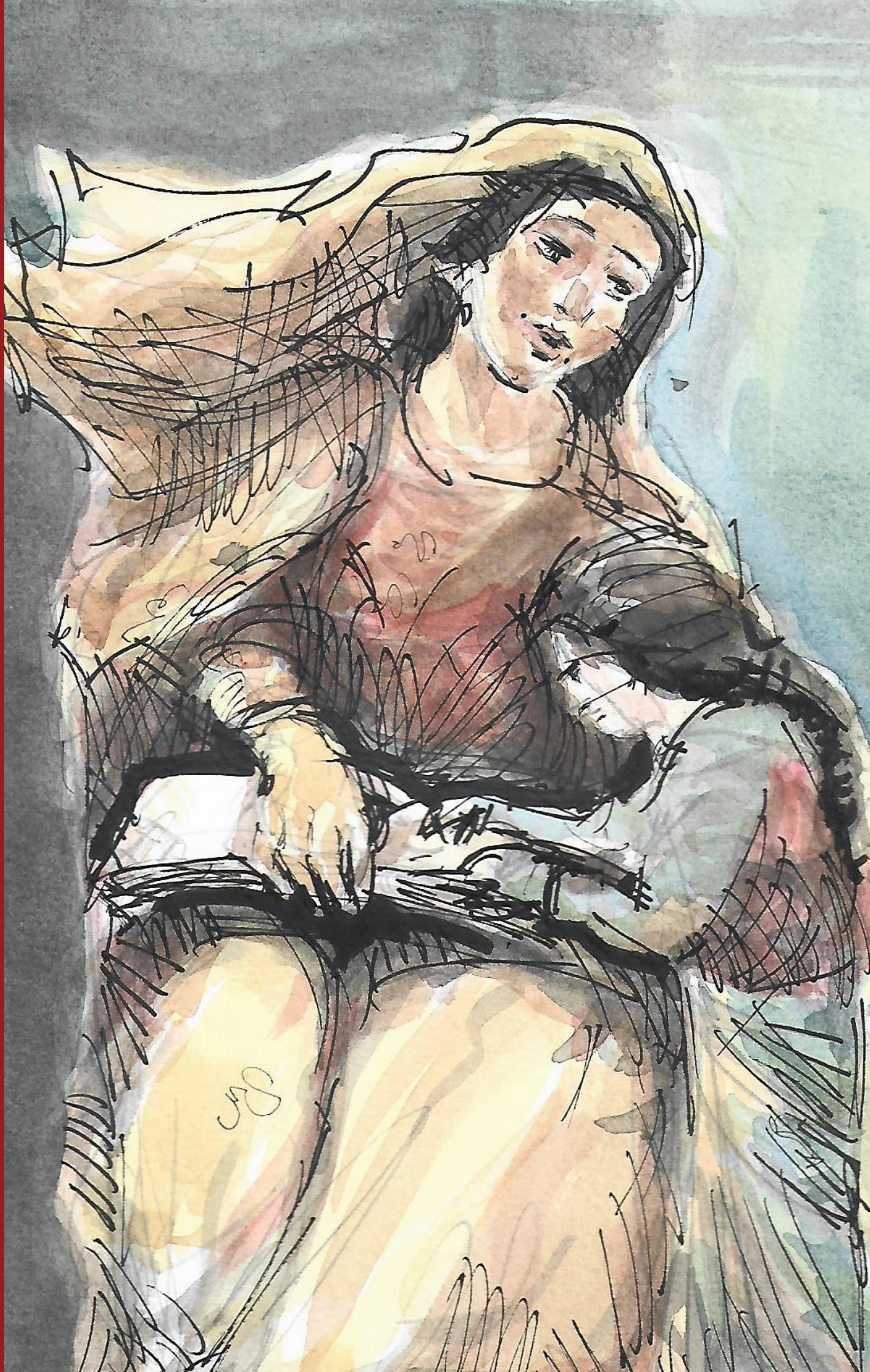


ENTREVISTA



ENTREVISTA “A OUTRA FACE DO ESCRITOR GUINEENSE ABDULAI SILA”¹

INTERVIEW “THE OTHER FACE OF GUINEAN WRITER ABDULAI SILA”

*Adulai Baldé*²

*Maria de Fátima Maia Ribeiro*³

O escritor Abdulai Sila é engenheiro eletrotécnico de formação e profissão, com inserção profissional na área das tecnologias da informação e da comunicação, sendo fundador da editora guineense privada *Ku Si Mon*, primeira no país, e responsável por inúmeras iniciativas culturais de caráter nacional e local, que, a título de exemplo, passam por ter sido cofundador do INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas) e da revista *Tcholona*, ao seu atual compromisso continuado com a formação literária de jovens guineenses de Bissau, com programa sistemático de incentivo à leitura. Nasceu em Catió, em 1958, reside em Bissau, e a sua produção literária envolve a prosa em narrativas longas e curtas e peças de teatro, de que seria pioneiro na Guiné Bissau, numa textualidade afinada com os padrões culturais guineenses e africanos, ao tempo em que contra hegemônica, se cotejada aos cânones ocidentais vigentes: *Eterna paixão* (1994); *A última tragédia* (1995); *Mistida* (1997); *Mistida (Trilogia)* (2002); *As orações de Mansata* (2007); *Dois tiros e uma gargalhada* (2013); *Memórias SOMânticas* (2016); *Kangalutas* (2018), a par de textos em coletâneas e esparsos.

AB / FR: Quem é Abdulai Sila?

Abdulai Sila: Vou servir-me de uma afirmação de Amílcar Cabral⁴: Sou um simples africano que quer viver a sua época e pagar a dívida que tem com o seu povo.

AB / FR: Quando começou a escrever e o que o motiva a continuar a escrever?

Abdulai Sila: A minha primeira aventura no domínio da ficção literária ocorreu quando era estudante de engenharia, em 1983. Antes disso tinha escrito muita coisa avulsa, incluindo um diário. O que me motiva a continuar a escrever? Muita coisa, havendo a salientar, entre vários outros, dois factores essenciais: por um lado, o prazer que isso me dá e, por outro, a necessidade crescente que sinto de participar no multifacetado e intergeracional debate em curso, tanto a nível local como continental, sobre questões de fundo, como sejam a (re)construção do imaginário coletivo e a descolonização das mentes.

AB / FR: Tem alguma coisa que marcou a sua infância?

Abdulai Sila: Duas coisas antagónicas marcaram de uma forma especial a minha infância: o amor e o carinho que sempre tive dos meus pais; a violência e o sofrimento associados à guerra pela independência.

AB / FR: Como era a relação com seus pais? Pode falar um pouco deles?

Abdulai Sila: Os meus pais foram pessoas especiais, que me educaram e de mim cuidaram sempre com muito afeto. Apesar das limitações materiais e financeiras, deram-me tudo o que precisei. Ainda hoje continuam a ser fonte de inspiração para mim.

AB / FR: Eles o chamavam de algum nome especial que nunca veio ao público?

Abdulai Sila: O meu pai, não. Mas lembro-me de a minha mãe me ter chamado algumas vezes, em momentos raros, de *deih*⁵. Quando me lembro disso hoje sinto-me muito orgulhoso.

AB / FR: Parece que seus pais são muçulmanos pelo nome e apelido. Mas nos seus textos nota-se que o senhor assume diferentes correntes religiosas sem fazer a demarcação do pertencimento a nenhuma delas. Isso tem uma explicação?

Abdulai Sila: Entre os seis e os onze anos frequentei duas escolas religiosas em simultâneo: uma, corânica, onde aprendi o Alcorão, e a outra, missionária católica, que me ensinou a Bíblia. Filho de pais muçulmanos praticantes, era óbvio que fosse muçulmano. No entanto, como na escola corânica só se ensinava a religião e pouco mais, tive que frequentar uma escola “oficial”. Ora, em Catió, durante todo o período colonial, só havia duas dessas escolas: uma para os filhos dos funcionários da administração colonial, dos comerciantes e dos que eram considerados “assimilados”; e

uma segunda, construída e gerida por padres italianos, que recebia o “resto”. Foi esta escola a minha única opção. Tínhamos sessões de catequese quase todos os dias nos primeiros anos e missa aos domingos.

AB / FR: De onde surgiu essa paixão pela engenharia e literatura?

Abdulai Sila: A minha paixão pela engenharia é uma longa estória e tem as suas raízes em traumas vividos durante o colonialismo. Não acredito que haja espaço para contar tudo aqui. Quanto à literatura, o caso é mais simples e talvez menos dramático. Nasceu da necessidade de me comunicar com alguém, um irmão, que não estava...⁶ No começo escrevia para relatar o que acontecia no dia-a-dia e sobre os nossos planos comuns. Com o tempo fui fantasiando cada vez mais; já não era o relato do que acontecia, mas o que gostaria que acontecesse, a visão de um mundo que pouco ou nada tinha a ver com o que era a realidade vivida.

AB / FR: O senhor, como engenheiro eletrônico de carreira e engenheiro das letras também, o que almeja para a futura geração dos escritores e engenheiros?

Abdulai Sila: Se é verdade que o escritor tem uma missão especial em todas as sociedades, na nossa ele tem responsabilidade acrescida. É que no processo de construção da nação guineense, dadas as suas especificidades, espera-se do escritor um contributo particular em domínios concretos, em tarefas sensíveis e inadiáveis, nomeadamente na descolonização das mentes, no fortalecimento da identidade nacional, na perpétua (re)construção de um imaginário coletivo, propulsor do senso de dignidade e de humanismo. O engenheiro é um artífice com aptidões especiais, que deve pôr toda a sua capacidade e criatividade ao *serviço*⁷ da sua comunidade e da nação, em prol da elevação contínua do nível de vida e do progresso, em todas as suas dimensões.

AB / FR: De que maneira a ciência contribui na construção das suas obras literárias e vice-versa?

Abdulai Sila: Note-se que a engenharia e a literatura têm um denominador comum: a criatividade, isto é, a capacidade de imaginação. Na verdade, tanto num campo como no outro, rege o sacrossanto princípio de que nada é realizável sem que antes seja imaginável. Por isso, toda a obra literária tem como fundamento a criatividade artística, isto é, a capacidade de, do nada, inventar algo novo, criar idéias originais.

Esse é um dos condimentos da obra literária. Um outro condimento indispensável à valorização da obra é a técnica de narrar, que conforme o gênero literário tem exigências próprias.

Embora sendo ambos condimentos sujeitos a um certo “evolucionismo”, o primeiro é todavia mais peculiar ao indivíduo, algo privativo, o que o torna conseqüentemente menos vulnerável a certas dinâmicas induzidas pelo aumento do conhecimento, pela ciência, portanto.

A ciência, ou se quisermos ser mais precisos a tecnologia (que por definição é a aplicação do conhecimento derivado da ciência em ações/soluções concretas) facilita sobremaneira a produção (e em certos aspectos a produtividade) literária. O uso de computadores é disso um exemplo concreto. Acho que nunca foi tão fácil escrever, aperfeiçoar, editar e divulgar obras literárias.

Por outro lado, é preciso não perder nunca de vista a terceira face da moeda, ou seja, o fato de que toda a produção literária – qualquer que seja a sua forma – tem (do ponto de vista social, filosófico, ideológico, etc.) sempre uma finalidade específica: tornar o ser humano mais culto, mais tolerante, mais solidário. E nisso a tecnologia deve servir para aproximar o autor do leitor, formando uma comunidade de interesses, cujo expoente máximo é o apurar do senso de humanismo.

Pelo acima exposto, pode-se facilmente concluir que das três vertentes consideradas há as que a ciência pode exercer alguma influência e outras em que a sua “interferência” é praticamente nula.

AB / FR: Como vê a história do nosso povo sendo contada atualmente?

Abdulai Sila: A historiografia sempre obedeceu a critérios mais ou menos universais: mesmo havendo várias versões, a que tende a predominar é a do mais forte, a da elite detentora do poder político. Mas se essa história se limita a narrar o que aconteceu, sempre na perspectiva dos poderosos, há uma outra história que, paulatinamente, tem vindo a ganhar corpo. Trata-se da narrativa daquilo que, não tendo acontecido (e não é narrado nos manuais de História), podia ter acontecido. É a História dita integral, aquela que vai até à raiz dos acontecimentos, que narra a vivência de todas as camadas da sociedade, que revela os sonhos, ambições, frustrações de todos, em cada momento. Essa história só pode ser lida na nossa literatura.

AB / FR: Escrever para quê?

Abdulai Sila: Em última análise para fazer aquilo que Amílcar Cabral dizia: “Viver a sua época e pagar a sua dívida para com o seu povo”.

AB / FR: Qual é a sua concepção de literatura?

Abdulai Sila: Como disse antes, a literatura desempenha um papel fundamental no processo de construção da nação, na consolidação da identidade nacional, no fomento da harmonia, da paz e justiça sociais, etc. Como componente da nossa cultura, a literatura é sem dúvida uma das *firkidjas*⁸ inalienáveis na nossa longa caminhada rumo ao desenvolvimento.

AB / FR: Como é ser escritor num país onde pouco se lê, e quais as alternativas para um escritor?

Abdulai Sila: Ser escritor é abraçar uma causa, embarcar numa missão, independentemente dos constrangimentos ou dificuldades. Portanto, mesmo sendo baixo o número de potenciais leitores, como é o nosso caso, em que a taxa de iliteracia é uma vergonha, o escritor deve assumir o desafio e

acrescentar um objetivo adicional ao seu leque de alvos a atingir: conquistar mais adeptos, mobilizando todos os concidadãos para esse grande debate intergeracional que só a literatura proporciona.

AB / FR: E como é que o senhor se sente sendo o escritor mais lido na Guiné-Bissau?

Abdulai Sila: Com responsabilidade acrescida e vontade de escrever ainda mais e bem melhor.

AB / FR: Como é que o senhor vê a produção literária bissau-guineense nos dias de hoje?

Abdulai Sila: A literatura guineense está a dar passos lentos, mas significativos. Se há uma coisa que se conseguiu nesses últimos anos é esta: quebrar o mito de que o livro é algo reservado a certas elites. Parecendo que não, essa mudança de perspectiva está a ter um impacto considerável. Agora há jovens que conseguem publicar os seus primeiros trabalhos em relativamente pouco tempo, cidadãos seniores que se sentem motivados a divulgar os seus escritos, em alguns casos engavetados há anos. Como editor sei quanta gente quer publicar, em muitos casos a própria biografia. Isso é encorajador e revela, mais do que qualquer outro dado, o que se pode esperar dos próximos tempos. É evidente que tudo seria mais fácil e dinâmico se houve algum apoio da parte de quem compete (e é pago para isso) proporcionar um ambiente mais favorável à edição de livros e promoção da nossa literatura.

AB / FR: Como ficou a relação entre sentir-se vazio pelos amigos que partiram, mas ter que superar os horrores da guerra⁹? Como lida com esta relação dentro do senhor?

Abdulai Sila: Como me ensinou um mestre, a vida não é feita de processos lineares, nela há sempre altos e baixos. Isso significa basicamente duas coisas: por um lado, temos que ter a coragem de (con)viver com certos acontecimentos, por mais horrorosos e perturbadores que sejam; por outro lado, sendo marcantes esses acontecimentos, há que ter a sabedoria de deles tirar lições de e para a vida, cultivar a capacidade de transformar as contrariedades em oportunidades. Não é fácil, mas não há outra saída...

AB / FR: Sua trajetória de vida é admirável. Em meio a uma família forte e diante de uma guerra devastadora, com múltiplos desdobramentos, construiu-se um escritor. De todas estas memórias, do que você mais sente saudades? E o que mais abomina e gostaria de não ter vivido ou acontecido?

Abdulai Sila: A minha vida é cheia de acontecimentos memoráveis e de outros que não o são de todo. Eu gostaria de não ter vivenciado nenhum cenário de guerra; gostaria de reviver o entusiasmo, a crença no advir, a sensação de liberdade que se viveu com o fim do colonialismo.

AB / FR: Como lidou com as memórias do passado durante a sua estadia na Alemanha¹⁰?

Abdulai Sila: Eu tinha vinte anos de idade e o meu país cinco anos de existência como Estado independente. Todas as atenções e energias estavam voltadas para o futuro...

AB / FR: Como o senhor pensou a construção da obra *Memórias SOMânticas*?

Abdulai Sila: O enredo foi concebido como parte de uma trilogia, cuja primeira peça foi o romance *Mistida*, que foi publicado em 1997. Depois, logo no ano seguinte, ocorreu uma guerra civil que deitou quase todos os meus planos individuais abaixo. Particularmente afetados foram os meus projetos literários, tanto assim que só voltei a publicar quase dez anos depois, e uma peça de teatro¹¹, não o romance que estava programado. Esse só veio a ser editado quase vinte anos depois, com uma profunda revisão. A memória entretanto tinha ficado mais “pesada”, menos romântica.

AB / FR: Como se deu a construção ou configuração de personagens femininas em *Memórias SOMânticas*? Pode nos falar um pouco sobre a mulher protagonista e narradora?

Abdulai Sila: É uma mulher que simboliza muitas outras¹². São pessoas que sempre estão na linha da frente, sem que no entanto os seus feitos sejam devidamente reconhecidos e valorizados. Há muitas heroínas em África, cuja história merece ser enaltecida e amplamente divulgada. A literatura tem que contribuir para isso, para essa segunda emancipação das nossas mulheres, para o reconhecimento do seu papel na construção de sociedades mais justas e harmoniosas.

AB / FR: A escolha da voz feminina em *Memórias SOMânticas* se deu por quê?

Abdulai Sila: Uma forma de homenagear as mulheres desta terra e de outras partes de África, que permanentemente nos dão exemplos de coragem, esperança e amor. Mesmo nas situações mais difíceis são elas que geralmente mostram o caminho certo a seguir, dando provas de um patriotismo sem limites.

AB / FR: O senhor concede o protagonismo de suas obras às mulheres. Esse seria um lugar de resistência que surgiu de forma intencional?

Abdulai Sila: Na nossa sociedade as mulheres desempenharam sempre um papel de relevo, embora algumas vezes isso não seja devidamente valorizado e reconhecido. A literatura deve contribuir para que essa percepção errada seja corrigida.

AB / FR: O senhor é feminista?

Abdulai Sila: Eu sou um cidadão que assume que todos os seus concidadãos têm os mesmos direitos e que devem beneficiar das mesmas oportunidades, independentemente do gênero.

AB / FR: Qual é o desafio, em sua opinião, para as mulheres garantirem os seus direitos hoje na Guiné-Bissau?

Abdulai Sila: Como referi antes, direitos conquistam-se. E essas conquistas ocorrem em vários domínios, na Educação (no sentido lato do termo) em primeiro lugar.

AB / FR: As cotas que exigem a participação mínima de mulheres na política são necessárias?

Abdulai Sila: Acho que num primeiro momento, sim, as cotas podem ter um efeito catalisador. Uma vez atingido um certo equilíbrio e quebrados certos tabus e preconceitos, muitos deles enraizados na tradição, as cotas acabam por se tornar supérfluas e desnecessárias.

AB / FR: O que acha sobre as práticas de machismo na Guiné-Bissau?

Abdulai Sila: O machismo não é uma prática exclusiva nossa. Ele é resultado de um conjunto de fatores culturais e sociais comuns a várias nações, mas que agora estão perdendo cada dia mais espaço. É certo que ainda vai levar algum até desaparecerem, mas há que reconhecer que no nosso país e graças à participação das mulheres na guerra pela independência, muitos preconceitos já foram eliminados.

AB / FR: Qual é o lugar da mulher na sociedade guineense?

Abdulai Sila: Só posso imaginar um, aquele em que tenha os mesmos direitos, deveres, responsabilidades e oportunidades que os homens.

AB / FR: O que o senhor considera relevante nesta obra de 2016?

Abdulai Sila: Acho que a resposta a esta pergunta compete mais aos leitores e, eventualmente, aos críticos literários.

AB / FR: No contexto guineense, e não só, ainda se confunde narrador com o autor. Não acha que os leitores podem considerar as experiências do seu livro como se fossem suas?

Abdulai Sila: Teoricamente isso é possível, mas acho que o leitor comum tem habilitações suficientes para distinguir o que é meramente ficção do que é a realidade. Aliás, todo o leitor é livre de interpretar as histórias que lê segundo critérios próprios e aí não compete ao autor interferir.

AB / FR: Quanto aos diálogos de *Memórias SOMânticas*, são criados a partir dos relatos das vivências ou os compõe no momento em que o romance vai se fazendo?

Abdulai Sila: As duas coisas. Eu convivi com muitas mulheres valentes, cujas trajetórias de vida se assemelham à da protagonista. No entanto, é preciso reconhecer que há sempre alguma ficção num trabalho dessa natureza.

AB / FR: Você tem algo a me dizer em relação ao seu processo de construção? Há um modo próprio de escrita ou de releituras e rasuras, características suas que eu deveria saber, ou até mesmo códigos especiais, como uso de cores e imagens, sinalizações e outras ações?

Abdulai Sila: Não sendo mais do que um aprendiz do ofício, e tendo, por motivos profissionais, relativamente pouco tempo para dedicar à literatura, a minha escrita tem que ser necessariamente simples. A construção é feita na base das observações diárias que faço, da interpretação subjetiva de acontecimentos e de fenômenos que ocorrem no quotidiano, bem como dos sonhos, das frustrações de pessoas com quem convivo e, em alguns casos, das minhas próprias ambições, desejos e insucessos...

AB / FR: Em *Memórias SOMânticas*, o senhor aborda o processo que resultou na independência da Guiné-Bissau. Pode nos falar um pouco das estratégias culturais de mobilização para aquela luta?

Abdulai Sila: Acho que Amílcar Cabral disse tudo sobre o processo quando afirmou que a luta de libertação é acima de tudo um ato e um factor de Cultura. Acho que o envolvimento massivo das populações, a valentia e o espírito de sacrifício demonstrados ao longo de onze longos anos da guerra pela independência se deveram ao fato do povo entender e assumir que os nobres sentimentos de liberdade e de igualdade fazem parte da nossa Cultura.

AB / FR: Que tipo de experiência as marcas da guerra de libertação nacional produziram nas suas memórias como um dos sobreviventes?

Abdulai Sila: Eu não vejo esta questão na perspectiva de sobrevivente, mas sim de vencedor. Eu tive o privilégio de assistir ao fim do jugo colonial e de, como parte do processo emancipatório, imaginar viver num país livre e independente como cidadão de pleno direito, condição que o colonialismo me recusava. As experiências de dominação e de exploração coloniais só podem servir para consolidar esse sonho de construir uma nação de paz e progresso, ambição que aliás consta no nosso hino nacional.

AB / FR: De que forma a divulgação de obras como *Memórias SOMânticas* pode contribuir para a diversificação de narrativas de combate à predominância da visão eurocêntrica no nosso país?

Abdulai Sila: O eurocentrismo é um subproduto do colonialismo, um efeito colateral, e como tal só pode ser combatido através daquilo que o escritor queniano Ngugi wa Thiong'o descreveu como descolonização das mentes. É um processo sofisticado, extensivo e muitas vezes moroso, que pressupõe a afirmação de novos padrões, de novas mentalidades, de novas formas de ser e de estar em sociedade. Trata-se, em última instância, da construção de um novo, liberatório, descomplexado imaginário coletivo. E é justamente nesse ponto que a literatura pode desempenhar um papel fundamental.

AB / FR: Como o senhor consegue costurar nos seus livros o diálogo entre a literatura, teatro e cinema? E como vê essa relação?

Abdulai Sila: Quer se reconheça isso publicamente ou não, quem cria ficção, seja ela sob a forma de literatura, teatro ou cinema, tem, entre vários outros, um objetivo particular: provocar alguma mudança, exercer alguma influência sobre o leitor ou espectador por forma a incitá-lo a inte-

ressar-se por certos assuntos, a aceitar ou rejeitar certos valores ou atitudes, a agir para atingir fins bem definidos. É “vender” idéias, esperando que se transformem em ideais, ou seja, que haja alguém que se reveja na conduta, comportamento, sonhos e ambições dos protagonistas ao ponto de se sentir instigado a abraçar e, se possível, apropriar-se delas. No nosso contexto atual, todos os criadores de arte são chamados a contribuir para que a promessa de uma nação de paz e progresso seja concretizada o mais rápido possível.

AB / FR: De que forma(s) o cotidiano guineense ganha espaço nos seus livros?

Abdulai Sila: Como disse antes, a matéria-prima para a minha criação literária advém daquilo que observo, vivencio no meu cotidiano. Assumir o compromisso de “viver a sua época e pagar a dívida que tem com o seu povo” implica explicitamente estar perto do “povo”, viver o seu cotidiano. É só assim que se consegue manter atualizado o saldo da dívida que se tem....

AB / FR: Pode falar um pouco sobre esse processo de trânsito, de estar fora do país natal, por diversas razões, como o senhor traz em *Memórias SOMânticas*?

Abdulai Sila: Estar fora do país, no caso da personagem a que se refere, tem a ver com uma imposição das circunstâncias daquele momento histórico, não se tratando portanto de uma decisão voluntária. É por isso é que, ultrapassada a referida imposição, ocorreu o regresso a casa...

AB / FR: A obra *Memórias SOMânticas* traz no seu corpo uma emoção dramática muito forte sobre a consolidação do processo da memória e da aprendizagem. Poderia falar sobre a sua posição acerca da memória e da educação, nesta obra, como também em outras suas? E em sua opinião, qual é o papel dos anciãos nesse processo?

Abdulai Sila: A questão da preservação da memória, ou seja, a decisão sobre aquilo que deve ser lembrado e o que deve ser esquecido, é um desafio muito atual. Numa das respostas anteriores falei da imperiosidade da descolonização das mentes. Sem uma adequada abordagem no tratamento da problemática da memória coletiva, sem uma política educacional acertada, não será possível uma verdadeira libertação, nem tampouco será bem-sucedido o desafio de construção de uma nação coesa e solidária. Numa sociedade caracterizada pela oralidade, os anciãos não são só os fiéis depositários da sabedoria popular, mas também guardiões dos bons hábitos e costumes. A literatura moderna deve, a meu ver, contribuir para a divulgação e valorização da referida sabedoria e da nossa tradição, que devem ser vistas e tratadas como condimentos fundamentais no reforço da identidade nacional e da coesão social.

AB / FR: No seu ponto de vista, até que ponto a literatura nacional seria o coroamento da expressão total do nosso mosaico cultural ou seria uma ruptura com os paradigmas ocidentais?

Abdulai Sila: Acho que a nossa literatura, enquanto manifestação cultural, tem que ter suas características próprias, um espaço próprio no nosso mosaico cultural, um lugar que não fica nem acima nem abaixo das outras expressões artísticas. Tem que ser uma componente dinâmica da idiossincrasia guineense, o que significa que tem seus paradigmas próprios, nem ocidentais, nem orientais.

AB / FR: Passadas quatro décadas da conquista da independência, o que mudou na sociedade guineense?

Abdulai Sila: Muita coisa mudou e vai continuar a mudar. Não acredito que possa fazer aqui uma lista exaustiva, mas como estamos a tratar de literatura, talvez faça sentido realçar algumas das mudanças importantes verificadas no período pós-independência nessa área específica. Há um *boom* literário, que se manifesta no número de obras publicadas, na existência de editoras locais, na redução da taxa de analfabetismo, na afirmação de jovens e talentosos escritores e por aí adiante... Como acontece em todo o mundo, a sociedade guineense aspira a desenvolvimento, em todos os domínios, e luta por ele individual e coletivamente. Os resultados podem não ser aquilo que seria legítimo esperar, talvez devido às altas expectativas criadas com a gloriosa luta pela independência mas, como se costuma dizer, o caminho faz-se caminhando.

AB / FR: Sendo conhecido como um “escritor de *tchon*¹³”, tanto por ser biológico tanto por explorar temas ligados à *guinendade*¹⁴, existe em suas obras um ar nacionalista e progressista, ao lado do tradicionalismo. Poderia falar sobre as relações entre esses termos, ou planos?

Abdulai Sila: Eu não alinho com esses adjetivos, nem me preocupo com certas categorizações ou teorias desenvolvidas por certos críticos literários. A minha única ambição, se assim podemos dizer, é produzir algo que sirva para valorizar a nossa literatura, que contribua para o aprimoramento do imaginário coletivo e que vá ao encontro das expectativas no sentido de fortalecimento da identidade nacional e consolidação de valores tradicionais como a fraternidade, justiça social, solidariedade, etc.

AB / FR: Parece-me que Abdulai Sila é mais reconhecido fora do que no seu próprio país. Isso tem alguma explicação ou o motiva mais?

Abdulai Sila: O reconhecimento de qualquer trabalho ou ato obedece a vários critérios e geralmente leva algum tempo. Eu faço o que faço sem pensar em nenhum tipo de reconhecimento ou recompensa, pelo que a minha motivação tem outras raízes.

AB / FR: Como tem visto a recepção de suas obras no Brasil? Imagino que o fato de os países terem sido de colonização portuguesa faz com que algumas questões abordadas em seus livros ecoem em leitores brasileiros. O que Abdulai Sila pensa disso?

Abdulai Sila: Acho que existem valores históricos, culturais, sentimentais e outros que juntam africanos e brasileiros que estão acima da colonização portuguesa ou qualquer outra. Existe uma grande comunidade

de brasileiros afro-descendentes com quem partilhamos a tragédia da escravidão, que marcou de forma indelével o destino de todos os africanos, estejam eles a viver em África ou na diáspora. Partilhamos também, hoje mais do que nunca, os mesmos sonhos de um mundo mais justo, sem preconceitos raciais, isento de todas as formas de discriminação e de exploração. Estes dois elementos – o passado de sofrimento e o futuro de esplendor – fazem com que o desejo de reaproximação seja cada vez mais palpável. Agora, para que isso aconteça com a naturalidade e a urgência que se impõe, é preciso que se construam pontes, tarefa que cabe à literatura em primeiro lugar. E fato interessante é que a escritora Toni Morrison (entre muitos outros) estabeleceu o roteiro há um bom tempo: “Cada membro da família em sua própria cela de consciência, cada um fazendo a sua colcha de retalhos da realidade – colectando fragmentos de experiência aqui, pedaços de informação ali. A partir das minúsculas impressões que compilavam uns dos outros, criaram uma sensação de fazer parte do lugar e tentaram se arranjar com o que viam um no outro”.

AB / FR: O que o motiva a transportar o mosaico sociocultural guineense para a literatura de maneiras diferentes, carregadas de mitos e ritos entre o mundo natural e sobrenatural?

Abdulai Sila: Não tenho nenhuma motivação especial. Procuo simplesmente aproveitar o melhor que posso o tesouro que é a nossa oralitura¹⁵, na perspectiva de valorizar o que nela existe de mais belo e original.

AB / FR: Sabemos que o senhor é um dos maiores incentivadores culturais na Guiné-Bissau. Podemos esperar algo grandioso ainda para o próximo ano neste campo?

Abdulai Sila: Não costumo anunciar as minhas iniciativas de antemão. Fi-lo uma vez e não me saí bem¹⁶. O que posso dizer é que estou e estarei sempre empenhado na batalha em prol do engrandecimento da nossa cultura e literatura.

AB / FR: Guiné-Bissau é ainda um país para poucos no que diz respeito à igualdade e oportunidade. O senhor concorda?

Abdulai Sila: O tratamento na base da igualdade de oportunidades é um direito e como todos os direitos tem que ser conquistado e consolidado. Os contextos mudam e com eles a percepção da igualdade, pelo que constitui uma ação de cidadania lutar para que todos os cidadãos sejam tratados sem discriminação, dando a todos, na base da equidade, as mesmas oportunidades. Reconheço que ainda temos um longo caminho a percorrer até que isso seja realidade.

AB / FR: E como é que um escritor que escreve para o povo guineense e africano lida com o problema do acesso aos livros em África?

Abdulai Sila: Facilitar o acesso aos livros, tal como elevar o hábito de leitura, é um desafio premente que temos que encarar e vencer. Tem que haver políticas culturais e iniciativas concretas e abrangentes direcionados para esses objetivos específicos.

AB / FR: Como Abdulai Sila se sente com a falta do ensino da literatura guineense nas nossas escolas?

Abdulai Sila: É minha opinião que uma das maiores urgências no setor do ensino hoje em dia é a revisão do currículo escolar. Não é só a literatura que não tem o lugar que merece, é também o ensino das ditas ciências exatas, a educação cívica, para mencionar só esses dois. Tem que se velar por uma melhor educação dos nossos jovens e estudantes, para que sejam mais aptos e motivados a assumir o seu papel de sujeito da sua História.

AB / FR: Para finalizar, o que dizer para as novas gerações como uma pessoa que vivenciou vários acontecimentos na Guiné-Bissau?

Abdulai Sila: Que, apesar da frustração generalizada, dos falhanços e atrasos verificados, tenham fé na promessa registrada no nosso hino nacional em como “nós vamos construir na pátria imortal a paz e o progresso”.

Salvador; Bissau, novembro de 2021

Recebido para avaliação em 09/12/2021
Aprovado para publicação em 03/01/2022

NOTAS

1 Entrevista inédita com o escritor Abdulai Sila, realizada entre os meses de outubro de 2020 e janeiro de 2021, e concedida por e-mail, revista e atualizada por Sila, em regime presencial, em Bissau (Guiné Bissau) no mês de novembro de 2021, com vistas à publicação na revista Abril. Integrada a projeto de Tese de Doutorado vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura da Universidade Federal da Bahia, linha de pesquisa Documentos da Memória Cultural, levanta questionamentos biográficos e críticos, articulados às produções literárias e culturais do escritor em termos dos interesses pessoais, do processo de criação e de suas relações com as coordenadas sociais e políticas da Guiné Bissau, com ênfase no livro Memórias SOMânticas (2016), corpus do projeto acadêmico em curso. Em respeito às diversidades cultural e linguística, decidiu-se pela manutenção das peculiaridades de grafia, pontuação e sintaxe do texto do escritor. Em causa, um exercício desdobrado de bilinguismo ou multilinguismo, por entre interculturalidades, em tempos de decolonialidades, trânsitos e diálogos através da literatura. Muito curiosamente, o depoimento inicial foi situado por Sila em “Salvador, 10 de janeiro de 2021”, dados mantidos na sua revisão final autorizada e encaminhada aos pesquisadores. Título proposto pelo escritor, a pedido dos entrevistadores (Mensagem por WhatsApp em 8/12/2021). Título provisório inicial “Questionamentos para Abdulai Sila”.

2 Doutorando e bolsista Capes no Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura (PPGLitCult-UFBA), mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade (Pós-Cultura/UFBA), concentração em Estudos Culturais, Identitários e Literários (2014-2017), licenciado em Letras, habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas, pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB/2013).

3 Professora Titular aposentada de Literaturas Portuguesa, Africanas de Língua Portuguesa e Comparadas da Universidade Federal da Bahia, no Instituto de Letras e nos programas de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Literatura e Cultura (ILUFBA) e Estudos Étnicos e Africanos (Pós-Afro/FFCH), sediado no CEAO/UFBA. Após 35 anos de docência ininterrupta na UFBA, formalizou aposentadoria parcial, permanecendo com orientações de estudantes africanos no PPGLitCult até 2021, de que resulta o trabalho em tela.

4 Amílcar Cabral foi renomado líder africano e guineense, engenheiro agrônomo, político e teórico de formação marxista, referência nas questões de descolonização e das lutas de libertação africanas, em especial da Guiné Bissau e de Cabo Verde. Nascido em Bafatá, Guiné Bissau, em 12 de setembro de 1924, foi assassinado em 20 de janeiro de 1973, em Conacri, República da Guiné.

5 “O termo ‘deih’ é da língua *pulaar* (fula) que significa algo mais profundo que ‘querido’ – não conheço equivalente em português. Se não me engano, usei esta palavra no romance *Mistida*. É também o título da minha mais recente peça de teatro e que vai estrear em janeiro próximo.” (Tradução do escritor, por WhatsApp, em 8/12/2021).

6 Reticências de responsabilidade do escritor.

7 Grifo do escritor.

8 “Firkidja’ é um termo do guineense (kriol) que significa efectivamente alicerce ou pilar [...]”. (Tradução do escritor, por WhatsApp, em 8/12/2021).

9 Referência à guerra de libertação do domínio português, que na Guiné Bissau durou 11 anos, entre 1963 e 1974, seguida de guerra civil (1998) e de constantes golpes de estado atingindo o país, cuja independência fora proclamada unilateralmente em 24 setembro de 1973.

10 Abdulai Sila estudou na Alemanha e licenciou-se em Engenharia Eletrotécnica pela Universidade de Dresden.

11 Referência à peça *As orações de Mansata* (2007).

12 O anonimato que envolve a protagonista de *Memórias SOMânticas* ao longo da narrativa mantém-se na entrevista, talvez em virtude da atual explanação em nome do coletivo visado.

13 “Tchon”, termo em crioulo, corresponde a chão, terra, lugar, ou país, em português.

14 “Guinendade” termo em crioulo, corresponde à tentativa de consignar uma identidade cultural característica da Guiné Bissau, a exemplo de “africanidade” e expressões identitárias de construção similar.

15 *Oralitura* ou *oratura* é termo já consolidado nos estudos literários e culturais contemporâneos e nomeia, além da literatura oral, o extenso conjunto de produções cultural e literária da oralidade ou da vocalidade de todos os continentes, sobretudo vinculado a povos fundadores e originários, nomeadamente os africanos.

16 Curiosamente, no plano literário, o escritor “anunciou de antemão” justamente as suas *Memórias SOMânticas*, apenas publicadas em 2016, nos parágrafos finais de *Mistida* (1997; 2002, p.463), no que parece ter sido muito bem-sucedido.

Apoio:



*Programa de Pós-Graduação em Letras da
Universidade Federal Fluminense (GPL/UFF)*

*“Apoiado pela Universidade Federal Fluminense com recursos do
Programa Auxílio Publicação - PROPP, 2014”*

Realização:

Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF (NEPA)

COLABORADORES

Maria Lúcia Wiltshire de Oliveira
Ângela Beatriz de Carvalho Faria
Frederico Klumb e Franklin Alves Dassisti
Felipe Frasson Fusco
Carlos Henrique Soares Fonseca
Wagner Santos Araújo
Paulo Braz
Mônica Genelhu Fagundes
Susanna Dias de Faria
João Barrento
Gisele Seeger
Andrezza Jaquier
Jonas Miguel Pires Samudio
Luis Maffei
Lucia Castello Branco
Maria Gabriela Llansol
Lélia Parreira Duarte
Adulai Baldé
Maria de Fátima Maia Ribeiro

ISSN 1984-2090



9 771 984 209000 00